

## **SOBRE TRADUZIR E INTERPRETAR COMO EXPERIÊNCIA DE LINGUAGEM: A ESCUTA CLÍNICA DESDE A FENOMENOLOGIA-HERMENÊUTICA**

Lúcia Regina da Silveira Scarlati\*

### **Resumo**

*O presente artigo tem como objetivo propor um outro caminho de compreensão para refletirmos sobre a escuta clínica, divergindo de um encaminhamento técnico, ao qual ela tende a estar envolvida no mundo moderno, como propriedade da disciplina psicológica. Nesse sentido, recorreremos a uma fala de Edoardo Bizzarri, tradutor italiano de Guimarães Rosa, com o intuito de expormos a unidade ou pertencimento destes ofícios, o tradutor e o clínico, a um âmbito próprio à existência, onde impera sempre certa compreensão e interpretação. Seguindo este caminho, faz-se evidente, então, uma relação outra com a linguagem, que perpassa e encaminha tais ofícios, de tal modo que se faz necessária a retomada de uma compreensão mais originária sobre a linguagem, que haverá de nos servir como guia ou condutor de nossa escuta clínica. Nesta retomada, assumimos a clínica em seu caráter poético.*

**Palavras-chave:** *clínica psicológica, escuta, hermenêutica, linguagem e poética.*

## **OVER TRANSLATE AND INTERPRET AS AN EXPERIENCE OF LANGUAGE: THE CLINICAL LISTENING FROM HERMENEUTIC PHENOMENOLOGY**

### **Abstract**

*This article purpose to meditate over clinical listening by another route of comprehension that could diverge from technics, which often guides it in the modern world as it makes part of the psychological discipline. For that, we resort to Edoardo Bizzarri's statement, Guimarães Rosa's Italian translator, in the intent to unveil the unit or belonging that the occupations of translator and clinical have with a sphere of existence itself, which is the need of comprehension and interpretation. Following that route makes it clear another relation with language, that pass through and directs both occupations. Therefore, makes it necessary to retake an original understanding about language that could serve us as a guide and conductor on our own clinical listening. On this recapture, we assume the poetical character of psychological clinic.*

**Keywords:** *clinical psychology, listening, hermeneutics, language and poetical.*

---

\* Psicóloga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Endereço Institucional: Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã, Rio de Janeiro/RJ. E-mail: [lscarlati@gmail.com](mailto:lscarlati@gmail.com)

## Introdução

O presente artigo pretende uma aproximação à experiência que constitui isto a que comumente chamamos de escuta clínica. Afinal, o que é isto, a escuta clínica? O que é esta modalidade de escuta que poderia vir a ser clínica? Parece que, no mundo da psicologia, habituamo-nos a esta nomeação, e transitamos por ela sem maiores dúvidas ou estranhamentos. Contudo, se pararmos alguns instantes e realizarmos o exercício de nos perguntar por tal especificidade, será que conseguiremos encontrar uma resposta satisfatória?

Consideramos, aqui, para a condução de nossos questionamentos, um guia fenomenológico-hermenêutico; que, por sua vez, já nos inclina à compreensão de que é próprio aos caminhos do pensamento, pois é próprio ao modo de ser do homem, a tendência de nos deixarmos dirigir por vias já dadas, instituídas, prescritas pelo mundo de forma irrefletida. Assim, tal poder prescritivo tende a se manter encoberto, de modo que assumimos aquilo que o mundo nos diz como algo dado e natural. Destarte, quando somos interpelados por questões, como a que aqui inicia o nosso artigo, surpreendemo-nos pelo próprio questionamento; pois, afinal, em um mundo onde a clínica psicológica se mostra claramente instituída e propagada, como haveríamos de questionar o que é uma escuta clínica? Como nós, psicólogos clínicos, não haveríamos de saber claramente o que é isto? Mas é na exata medida em que nos aproximamos do pensar fenomenológico-hermenêutico que compreendemos a importância de retomarmos aquilo em que se funda o nosso fazer, assumindo uma postura não natural e encaminhando, assim, uma necessária apropriação deste fazer.

Compreendemos que tal retomada seja, em verdade, algo intrínseco ao exercício fenomenológico-hermenêutico, o qual exige certa apropriação daquele que envereda por este caminho, tornando-o vivo para si, e, também, certo esforço por desobstruir suas vias de pensamento, que tendem a se fechar, tornando-se, então, crítico a si mesmo. Desse modo, não podemos compreender a retomada como mera imitação, como reprodução uniforme de um idêntico. Não. Retomar diz da possibilidade de fazer nascer outra vez, diz, necessariamente, de certa possibilidade criativa, onde se busca e traz o que foi, fazendo-o vigorar uma vez mais, de um modo outro.

É buscando resguardar e cuidar de nossa relação com o nosso fazer que nos deixamos conduzir por tais questionamentos, na tentativa de trazer à memória uma vez mais aquilo que o constitui como tal. Por sua vez, tal cuidado, que envolve necessariamente um caminho de pensamento a ser percorrido, implica de forma igualmente necessária um cuidado com a linguagem. Expliquemos. Parece-nos ser

próprio ao caminho do pensamento, à memória que se busca e traz, que se retoma e transforma, a sua condução em meio à linguagem e a sua culminação em fala. Desse modo, o cuidado com o dizer, com a linguagem, mostra-se imperativo em nosso percurso, posto que o que se enuncia não se quer como proposição vazia, que não mostra, que não se faz ressoar e compreender. Buscamos, portanto, um caminho que não se faça ambíguo. Na ambiguidade não é possível diferir se abarcamos e compreendemos a fala enunciada, ou se somente repetimos um discurso, articulamos logicamente determinados termos, sem que estes, contudo, tenham algo a nos dizer. Este parece ser sempre um perigo presente, ao qual se deve estar atento para a realização da retomada a que nos propomos.

Como já dissemos, ao falarmos em retomada não nos propomos à simples repetição, que já sempre tende à caduquice, que se mostra mesmo como a fala ressequida, que eternamente se repete, sem a ninguém alcançar. Não. Pretendemos, sim, trazer à luz uma vez mais, fazendo ver e aparecer, e, portanto, fazendo-se entoar e tocar. O que, por sua vez, incita certo exercício de criatividade e transformação. Articulando, ou, melhor, deixando-se articular pela compreensão que se abre, e participando do nascimento de uma nova fala, que lhe faça aparecer. É inspirados por este imperativo criativo que nos deixamos guiar por um breve diálogo entre Guimarães Rosa e Edoardo Bizzarri, seu tradutor italiano, onde este nos fala sobre o ato de traduzir.

Ainda que seja um caminho não usual ou habitual, cremos haver aí um pertencimento, ou, ao menos, certa irmandade de interesses, de modo que podemos fazer uso da fala de Bizzarri sobre a experiência de traduzir para pensarmos a experiência de escuta clínica. Ambos passam por um modo de ser fundamental, ao qual buscamos, aqui, relembrar e reavivar.

Traçando um novo caminho, pretendemos evidenciar que tal experiência se sustenta em uma condição ontológica do homem, que, por sua vez, implica primariamente compreensão, linguagem e interpretação. Retiramos, assim, o exercício clínico do âmbito técnico e epistemológico, ao qual a psicologia tende a estar envolvida como disciplina moderna, e o aproximamos a um âmbito próprio à existência. Tal movimento nos abre para um diálogo que em muito extrapola as delimitações disciplinares do saber psi. Em verdade, o presente artigo tem como principal objetivo, justamente, extrapolar tais delimitações, abrindo, então, um outro caminho possível para pensarmos e exercitarmos a escuta, a saber, um caminho poético.

## Tradução: um exercício de interpretação

Tinha decidido encerrar definitivamente minhas experiências de tradutor. Traduzir é um exercício de estilo, uma pesquisa de interpretação; é, afinal, um ato de amor, pois trata-se de se transferir por inteiro numa outra personalidade. Tendo feito tudo isso com autores como Melville, Henry James, Faulkner, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, confesso que me dava por satisfeito. Além do mais, há tantos trabalhos meus, e velhos compromissos, que venho protelando de um ano para outro. E- *helás* - a idade das lícitas protelações já se foi. (BIZZARRI & ROSA, 2003, p. 19).

Trazemos a fala de Bizzarri acerca de sua atividade, de seu fazer, de seu ofício de traduzir. Em tempos em que dispomos de tradutores automáticos, poderíamos achar dispensável falar em tal atividade; podíamos, inclusive, crer tal atividade com os seus dias contados, obsoleta. Contudo, curiosamente, deparamo-nos reiteradamente com a restrição destes mesmos dispositivos, que, por algum motivo, falham na realização de uma boa tradução, tornando-a estranha, incongruente, ou mesmo sem sentido algum. Ainda não é possível dispensarmos os tradutores, há algo como que resistente na língua, que não se deixa instrumentalizar por inteiro. Isto, que se faz resistir na língua, parece ser o mesmo que exige o fazer do tradutor.

Quando assumimos a fala de Bizzarri como guia, compreendemos que a sua explicitação sobre a tradução poderá, também, nos conduzir para o meio deste âmbito da linguagem, que não se entrega, que se impõe sobre toda investida técnica do homem; atravessando e conformando o seu fazer e, também, o fazer clínico. Isto porque a experiência que Bizzarri nos expõe em muito diverge da tentativa de domínio sobre a linguagem, de lhe dar contorno e de abarcá-la, apontando, então, para uma outra relação com a mesma. Assim, esta relação parece se realizar justamente à medida que compreende esse caráter indomável da mesma, sendo conduzida, então, a uma relação que é entrega, desde escuta e espera, isto é, desde experiência. Devemos asseverar que tal caráter é mesmo o elemento que une, aqui, o nosso fazer clínico ao traduzir, sendo, portanto, o ponto de diálogo que propomos estabelecer em nosso artigo. O que significa dizer que a escuta clínica também se realiza sendo encaminhada por este outro registro, onde se deve adentrar, ser inserido, divergindo da tentativa de rodear e circunscrever a fala. Esta compreensão sobre a escuta clínica ainda haverá de ser por nós tematizada, por ora, contudo, pensemos propriamente sobre a tradução.

Comumente, tendemos a compreender o tradutor como o profissional que tem por ofício a transposição de significado de um idioma a outro, como um decodificador, cabe

a ele encontrar a adequada correspondência das palavras para a melhor realização dessa passagem. O tradutor, aqui, age sobre a língua, que se mantém inerte à sua ação. A língua, o texto, é aqui coisa, objeto. Nessa perspectiva, podemos facilmente empreender ao tradutor uma imagem técnica, o que significa dizer que para a realização do seu ofício bastaria tão somente o domínio dos idiomas a serem traduzidos. Aqui, não parece existir nada de muito extraordinário, o ofício parece simples e claro. Mas, então, o que difere as boas das más traduções? O que faz, inclusive, que possamos nos deparar com traduções tão distintas dos mesmos textos? Ou, ainda, por que os dispositivos de tradução automática ainda fracassam em nos conceder traduções adequadas?

A insistência destas variáveis nos coloca diante de certo caráter incontornável da própria linguagem, onde esta resiste à tentativa de sua dominação e circunscrição, de tal modo que talvez a visão que a compreende como coisa inerte, como objeto, sobre o qual se pode bem agir e usar, começa a estremecer. Do mesmo modo que a compreensão do homem como aquele que tem linguagem, podendo, então, fazer uso da mesma para se exprimir, tendo-a como que subjugada a si, também não parece se manter. O que dizemos é que há algo nesse ofício de traduzir que transcende a simples operação, a simples correspondência entre as palavras, de tal modo que, se investirmos em uma tradução nestes termos, temos como resultado um texto muitas das vezes incoerente, estranho, ou mesmo sem sentido. É este elemento que transcende o domínio literal, técnico e instrumental da linguagem, e que, por sua vez, atravessa o trabalho do tradutor, que intencionamos aqui evidenciar. É isto que se insinua pela fala de Bizzarri.

Em sua explicitação, Bizzarri trai a visão que crê a tradução como um trabalho estritamente técnico. Ele nos abre os olhos para o fato de que traduzir é, em verdade, algo muito além do adequado uso do dicionário e da gramática. Tal alerta expõe essa atividade em um âmbito que ultrapassa o domínio de idiomas ou códigos linguísticos, o que, por sua vez, não quer dizer que a atividade prescindia de tal relação com os idiomas, os dicionários e gramáticas. Há algo nessa transposição de um idioma a outro que extrapola a adequação das palavras, de tal modo que há sempre certa disparidade na tentativa de sua operacionalização, isto é, na tentativa de colocar as palavras em termos de igualdade. Isto impõe, então, uma outra relação do tradutor com a linguagem. Mas que relação haveria de ser esta?

Segundo Bizzarri, traduzir é experiência, exercício, pesquisa, que envolve estilo e interpretação, por fim, é um ato de amor! É transferir-se por inteiro numa outra personalidade. Mas, afinal, o que significa isso? O que se faz presente pela fala de Bizzarri, que nos interessa e instiga a pensar? Parece-nos que uma outra instância sobre

o fazer se abre, e que, por sua vez, implica e convoca diretamente o homem, aquele que traduz. A esta convocação, cabe ao tradutor a sua anuência, de maneira tal que o fazer não se mostra sob a égide de certo teor volitivo, nem sob um direcionamento técnico, com que usualmente entendemos o fazer do homem. Ao contrário, o fazer se abre em uma perspectiva de entrega, deixando-se permear e atravessar. Assim, para expor o seu ofício, Bizzarri nos presenteia com elementos que se afastam do jargão comum ao mundo das operações de trabalho; falando-nos em amor, estilo e transferência ele evidencia uma perspectiva não técnica e não volitiva de seu ofício, mas, sim, que surge desde um sentir. Isto é, a ação, o traduzir, nasce desde isto que se acolhe, assente e reúne, o que implica em experiência, este elemento que também não é abarcável e contornável.

À medida que nos distanciamos da compreensão em que a língua se equivale a código linguístico, isto que se sente, que é experiência, tende a se fazer evidente. Pois nos aproximamos da linguagem em sua essência. Há um comum pertencimento entre a linguagem e a realização, ou encaminhamento, do homem; isto nos aponta invariavelmente para o próprio modo de ser do homem, sendo necessário pensa-lo mais uma vez, retornando ao que lhe é originário.

### **Homem, linguagem e interpretação**

Aqui, assumimos o nosso diálogo com o pensamento de Martin Heidegger (2009), que, por enquanto, apenas se manteve como pano de fundo para as nossas reflexões. Contudo, seguimos uma leitura híbrida, mestiça, que se vê atravessada pelo pensamento do filósofo Gilvan Fogel (2015). Os atravessamentos, aqui, não são incongruentes, nem mesmo brigam entre si; mas modulam a nossa leitura, dando espírito, interesse e perspectiva a mesma.

Desse modo, compreendemos o modo de ser do homem como *Dasein* (HEIDEGGER, 2009), como o ente cujo modo de ser se dá em sendo aberto ao sentido. *Dasein*, ou ser-aí, leia-se, entenda-se, como o ente que já é desde o movimento de estar jogado, lançado, para fora, no aberto. Não há nada anterior, que o anteceda e determine, sendo, então, sempre impelido a estar fora de si, realizando-se em meio e por meio, através, ao mundo, ao sentido. A sua estrutura de realização, fugindo a toda compreensão antropológica, psicológica, ou subjetiva, segundo Fogel (2015), só pode se dar desde e a partir do recebimento e atravessamento de sentido, desde um sentir. Assim, o homem se realiza em cuidando disso que lhe advém, que recebe. Esse é o lugar de gênese do homem como homem, mas, também, de todo real possível, de todo aparecer e realizar, de toda realidade. De tal modo que homem e realidade já se veem desde sempre articulados, amarrados.

Destarte, o homem fala desde um lugar, não há homem à parte, livre, incólume ao mundo, ao sentido. Esta é a configuração que se expõe a partir da imagem do círculo, utilizada por Heidegger (2009) para mostrar a circularidade hermenêutica, ou seja, que o homem já sempre fala, vê, compreende e é a partir de uma determinada conjuntura, de um lugar. O que significa dizer que não há neutralidade e imparcialidade possível. Não há uma coisa em si, objetivamente falando. Não há meio de pular para fora do círculo. Não. O que há é sempre um mundo que suporta a coisa. E mundo, coisa, só pode se mostrar, aparecer, se fazer visível ao homem. Há um copertencimento, conascimento, entre homem e mundo, cabendo, então, ao homem, a apropriada habitação deste círculo.

Apesar de usualmente já compreendermos sempre um à parte do outro, independentes entre si, de tal modo que seria possível ao homem o acesso à verdadeira realidade da coisa a partir de um método adequado. Essa compreensão habitual, que já tende a dirigir o nosso fazer e pensar, é o que possibilita a primazia técnica no mundo moderno, onde seria possível se assegurar do acesso adequado, correto, ao seu objeto, previamente a qualquer encontro com o mesmo. Tal saber preposto asseguraria, também, a manipulação de tal objeto, uma vez que as suas leis próprias de funcionamento, já conhecidas, possibilitariam a antecipação e controle, isto é, desafio que provoca as suas respostas. Aqui, o homem se quer isento, eximindo-se de qualquer participação, de qualquer risco e exposição.

Mas, afinal, o que há nessa exposição sobre o modo de ser mais próprio ao homem que poderia nos dizer? Como esta compreensão haveria de reposicionar o lugar da linguagem? Nessa perspectiva, em que o homem é exposto como ser-aí, isto é, como este indeterminado que já se vê sempre lançado ao aberto, ao sentido, estando sempre maculado; e, então, se realizando desde um mundo, que, por sua vez, não é coisa determinada, objetiva, literal, mas, sim, sentido que se expõe e envia a partir do homem, no e pelo homem, pondo-os, portanto, em uma estreita relação de comum pertença; nesta perspectiva, o homem, originariamente, realiza-se sempre desde uma compreensão, uma compreensão que já se dá sempre disposta por certo humor, por certo tom ou afetividade. Assim, podemos visualizar tal assertiva quando pensamos que o homem nunca escuta ondas sonoras; o homem já sempre escuta o som da porta batendo, a buzina do carro, ou algo se quebrando. Ou seja, ao homem as coisas já sempre se apresentam como um algo, como isto ou aquilo, que já é fornecido por essa trama de sentido que denominamos mundo. Na articulação ou elaboração disso que se compreende, o homem já se realiza, também, desde um interpretar. Nesse sentido, devemos ler e entender: “O que acontece é

que, no que vem ao encontro dentro do mundo como tal, o compreender de mundo já abriu uma conjuntura que a interpretação expõe.” (HEIDEGGER, 2009, p.211).

Falamos, então, de uma estrutura própria ao homem, em que este já sempre se dá a partir de um compreender disposto e de um interpretar. Tal interpretar carrega consigo sempre uma conjuntura que o antecede, o que demonstra a impertinência de insistirmos em uma interpretação ou acesso aos fenômenos por uma via imparcial ou neutra. O que aqui se expõe é justamente este caráter de enredamento ao qual o homem de início sempre se encontra. Mas, a pergunta insiste, e a linguagem, onde ela se encontra?

A partir das indicações que Heidegger (2009) nos faz, o fundamento ontológico-existencial da linguagem é igualmente originário à disposição e ao compreender, e se constitui como fala. A fala, por sua vez, é propriamente a “articulação da compreensibilidade” (HEIDEGGER, 2009, p. 223), estando, portanto, na base de toda interpretação. O que significa dizer que a fala é como o fio que amarra e articula o compreendido, dando-lhe forma, realidade. Ou, como Fogel (2017) diz: “Nomear, dar nome – *isso* é fazer, tornar visível. Mostrar. Como? A elucidação disso, que é a elucidação de dizer, corresponde à elucidação da afirmação ‘a linguagem fala’. A linguagem – e não o homem.” (p.37).

Abre-se, então, aos nossos olhos a linguagem em um âmbito mais originário, de onde nasce todo código linguístico, mas que não se restringe a ele, é a linguagem em sua essência. Nessa perspectiva, a linguagem deve ser compreendida originariamente, isto é, como o que suporta o modo de ser do homem, como *Dasein*, à medida que é desde a linguagem, como fala, que se dá todo interpretar, todo descobrir de mundo, isto é, todo real, toda realidade possível. Assim, também, devemos afastar a visão que restringe a linguagem às palavras. Antes, é desde a linguagem, em seu caráter originário, que pode nascer, brotar, as palavras. Estas já sempre advêm de certa totalidade significativa que se compreende, não sendo, portanto, detentoras de significado. É nesse sentido que todo aparecer já passa necessariamente pela linguagem, pois é dela que provém a sua origem. Nesse sentido, também devemos ler e escutar:

A linguagem é o recinto (*templum*), a saber, a casa do ser. A essência da linguagem não se esgota na significação nem é ela apenas do gênero do signo ou do número. Sendo a linguagem a casa do ser, chegamos ao ente passando constantemente por essa casa. Quando vamos ao poço, quando passeamos na floresta, passamos já pela palavra ‘poço’, pela palavra ‘floresta’, mesmo quando não pronunciamos estas palavras nem pensamos na linguagem. [...] Todo e qualquer ente, os objetos da consciência, as coisas do coração, os homens que arriscam mais e que se impõem mais, todos os seres se encontram, consoante a sua natureza, como entes, no recinto da linguagem. (HEIDEGGER, 2014, p. 356).



Assim, quando afirmamos haver um pertencimento do modo de realização do homem à própria linguagem, apontamos, em verdade, para esta necessária passagem de todo aparecer, de todo mostrar, à linguagem. Ou, mais propriamente, por esta necessária morada. O homem é o usável, o tocável por sentido, fazendo-se, então, passagem ou médium para a exposição, para a realização de todo aparecer. Sentido deve ser lido como participípio do verbo sentir, e nunca como substantivo, como coisa. Sentido, aquilo que permite que algo se mostre como algo, é verbo que se realiza através do homem, realizando também como homem. A redução da linguagem ao seu caráter instrumental é encobrir o modo próprio de realização do homem, da realidade, da vida, onde se tem tudo como já dado, afastando o homem de sua necessária participação em todo aparecer, de seu estreito encaminhamento e pertencimento à linguagem.

Retornando à tradução, podemos dizer que o traduzir exige do tradutor o mergulho nesse mundo de onde brota a palavra. Mergulhar nesse mundo significa se deixar ser tocado e tomado, é fazer-se espera e escuta, para que sentido venha à luz, apareça, mostre-se. Traduzir, portanto, faz-se necessariamente como experiência, isto é, desde este se deixar atravessar e avassalar, para, então, fazer nascer novamente em palavra o que fora sentido. Isto é, interpretação, posto que interpretação seja: “*exposição*, melhor, realização ou concretização de sentido e, assim, gênese de realidade.” (FOGEL, 2015, p. 10).

Destarte, evidencia-se um âmbito usualmente renegado, justamente porque não apreensível e contornável, que concerne à experiência. E Bizzarri exalta este âmbito, é desde a experiência que se torna possível a tradução. É esta subversão realizada que nos interessa! Pois, apesar de não sermos tradutores de línguas e textos, nós, psicólogos clínicos, temos algo em nosso fazer que se assemelha, em certa medida, à tradução. Ou não concerne ao nosso fazer certo esforço por se transpor a um outro mundo, a uma outra linguagem? Não seria a nossa escuta clínica também certo exercício de interpretação? E, contudo, tal exercício, assim como a tradução para Bizzarri, também se queira distante da compreensão de um fazer técnico ou decodificador. Nesse sentido, a escuta clínica haveria de se aproximar dessa interpretação que é transferência, que é, em última instância, experiência.

Cabe-nos, agora, uma breve retomada do modo como tradicionalmente a psicologia compreende esta relação com a linguagem, ou, mais propriamente, como a psicologia tende a depreender um papel decodificador ao seu ofício de escuta clínica. Distanciando-se, portanto, da compreensão que buscamos assumir, na qual escutar é interpretar, que, por sua vez, se funda necessariamente em uma experiência da linguagem.

## **A escuta e o interpretar psicológicos: a linguagem como lógica**

Especialmente em seu prefácio sobre a obra de Binswanger, *Sonho e Existência*, Foucault (2014) nos acena para a tensão entre uma estrutura lógica, que simultaneamente define a relação com a linguagem e sustenta uma prática psicológica, e aquilo que se abre pela obra de Binswanger, onde há um distanciamento desta lógica para uma outra relação com a linguagem, o interpretar e o fazer. Estes acenos encontram eco em outras discussões de Foucault, contudo, o prefácio de *Sonho e Existência* se mostra mais rico em elementos para a condução e desenrolar de nossas questões. Estas indicações de Foucault nos servirão como guia para deixar aparecer a distância e diferença que pretendemos em nossa relação entre escuta clínica e linguagem.

Guiados por Foucault, podemos acompanhar certo movimento pertinente à constituição da psicologia e de seu fazer, no qual a compreensão sobre o homem começa a se dirigir para um âmbito de sombras, de não saber, onde algo sempre escapa à compreensão humana. Assim, parece que algo constitutivo e próprio à existência se insinua ao homem, colocando em xeque o período de luzes que então marcava o pensamento do homem e sobre o homem. Nesse sentido, emergem tentativas de se reassumir essa instância mais própria com a emergência de outras formas de pensamento. É nesse ponto que Foucault nos encaminha para o seio daquilo que viria a se constituir como uma tradição psicológica, e que nos serve para pensarmos a relação tradicional entre escuta clínica e linguagem. Pois, se o homem se dirige para esta instância mais originária, ainda parece ser somente à medida que tenta dar conta da mesma, instaurando uma condução inadequada, e, todavia, que marca o cerne da psicologia como uma disciplina epistemológica até os dias de hoje. Sinteticamente: a psicologia se sustenta neste ponto de tensão, onde vendo que algo lhe escapa, assume para si a tarefa e esforço por dar contornos ao incontornável, esquecendo-se, então, daquilo que a conduzia em um primeiro momento!

Foucault nos apresenta, então, o que parece ser duas vezes significativas desse momento e movimento histórico: Freud, por meio da obra *A Interpretação dos Sonhos*; e Husserl, com *As Investigações Lógicas*. Com Freud fica claro que se por um lado ele evidencia a pertinência dos sonhos para a compreensão do homem, e o sonho se mostra como essa experiência de sombra a que nos referimos anteriormente, por outro, ele o toma como possibilidade de deciframento. Nessa perspectiva, o sonho se mostra como símbolo, que deve ser traduzido adequadamente por meio de uma lógica própria, de modo a descobri-lo, trazê-lo à luz da consciência. Portanto, há uma técnica interpretativa que pode fazer o

sonho falar. Aqui, o obscuro pode falar, pois, é expressão de algo. A técnica interpretativa irá se conduzir por meio dessas associações entre o que se mostra pelo sonho e a que ele se refere. Contudo, esta vinda à fala não é ainda um reconhecimento “em sua realidade de linguagem” (FOUCAULT, 2014, p. 77). O que significa dizer, em verdade, que a própria compreensão do sentido se vê reduzida a uma estrutura prévia e determinante, tal qual uma gramática, um dicionário, que sempre indica uma adequada e total correspondência entre coisa e palavra, sem, contudo, conseguir se aproximar do âmbito de sustentação de palavra e coisa, isto é, do sentido propriamente dito, da linguagem, ou, ainda, da experiência. Toma-se a imagem do sonho como uma totalidade absoluta, e, para reconhecê-la e descobri-la, é necessário o conhecimento de certa chave ou código de deciframento, no caso da psicanálise de Freud, a chave lógica se mostra como Desejo.

Por outro lado, há o legado de Husserl, que, aqui, nos é apresentado por meio de *As Investigações Lógicas*. Se esse legado se distancia da temática trazida por Freud, uma vez que não versa sobre o sonho, por outro, parece haver um encaminhamento lado a lado em relação à questão da interpretação, ou, mais propriamente, em relação aos estudos que Husserl desenvolve acerca do ato significativo. Assim, Husserl não incorre à mesma redução de Freud, compreendendo e lançando luz sobre o próprio movimento de realização ou aparição de um sentido, isto é, pensando sobre a essência do ato significativo, ou, ainda, reconhecendo o seu contexto necessário de aparição. Não há, assim, uma identidade prévia e imediata entre sentido e imagem, entre palavra e coisa. Em verdade, esse ato significativo já nem mesmo se reduz à palavra, à fala propriamente dita. Ele aponta, sim, para um movimento de aparição de um significado. Husserl realiza uma distinção entre aquilo que seria índice e significação, onde o índice por si só não teria significação alguma, porém, ele a adquire pelo uso que uma consciência faz dele. Esse uso da consciência, por sua vez, seria conduzido por uma estrutura essencial, que em última instância se apoiaria na atualidade de uma dada situação. É aqui que Foucault aponta para certa problemática na compreensão de Husserl.

Foucault (2014) aponta que haveria aí uma tendência para a interioridade, uma vez que essa estrutura essencial que daria corpo ao ato significativo parece depender somente de si mesma para a sua realização, não mantendo nenhuma relação externa a si. O predomínio da própria atualidade coloca o ato significativo em um estado de clausura, que parece inviabilizar qualquer retomada do mesmo. Encontrando-se, assim, em um estado solipsista, e impondo-se de início um problema epistemológico, o que leva Foucault (2014) a asseverar: “A fenomenologia conseguiu fazer falar as imagens; mas ela

não deu a ninguém a possibilidade de empreender a sua linguagem.” (p.86). Ou seja, a linguagem em si se vê reduzida à uma experiência individual, de uma consciência, às últimas consequências, inacessível. Esta compreensão carece, então, de um caráter objetivo, isto é, de algo para além do próprio ato significativo. Poderíamos dizer que ela carece de uma consideração de mundo.

Retomando essas indicações de Foucault, podemos nos aproximar da tradição em que se encontra a psicologia e que já sempre carrega consigo a questão da interpretação, isto é, como interpretar e fazer vir à luz isso que diz respeito ao homem? Temos, então, o forte legado de Freud, de compreender a interpretação como sendo uma leitura mediada por um saber preposicionado acerca do homem, onde aquilo que aparece, por meio da fala, é sempre expressão de algo anterior e determinante. De modo que a fala é sempre vista como este símbolo que remete para algo externo a ela mesma. Aqui, a interpretação se mostra mesmo como possibilidade de antecipação, de saber de antemão o que está em jogo para que uma fala possa se dar. Em já sabendo, torna-se possível o interpretar! Assim, parece que só existe escuta, ouvido, para o próprio código interpretativo, e a fala em seu dizer desaparece. Aqui, nunca chegamos a nos aproximar do caráter próprio à linguagem, isto é, o seu caráter de mostraçã, de aparição, de realidade. Pois, é na exata medida em que não há uma determinação anterior, que nasce a possibilidade mesmo de algo vir à luz, de algo se mostrar como algo. Se partimos de uma determinação, de um fundamento positivo, já não dispomos de olhos para ver. Em verdade, parece que os dispensamos, com a promessa de ter visão garantida e assegurada antes mesmo de abrirmos os olhos. O legado interpretativo que Freud nos dá se mostra, então, como mais uma voz que se afina e endossa o âmbito das técnicas e métodos asseguradores.

Por outro lado, há um movimento que emerge a partir das contribuições Husserlianas, onde buscamos reposicionar a expressão em um ato que não pode ser pré-determinado, isto é, não há uma correlação prévia entre signo e significante, há mesmo uma distância e diferença entre aquilo que é índice e o significado. E, sendo o índice indeterminado aprioristicamente, ele só pode ganhar significado em um movimento, em ato. Aqui, parece que nos aproximamos um pouco mais daquilo que viemos desdobrando acerca do originário da linguagem. A indeterminação do índice e o movimento que ele requisita para ganhar significação parece ser mesmo o condutor dessa proximidade. Contudo, esse ato nasce e morre em um instante articulado no sujeito. Husserl não alcança ainda a linguagem como algo para além do homem, mas a vê circunscrita a ele, o que de certa maneira a enclausura e mata. Aqui, a linguagem não tem vida própria, ela existe tão

somente no ato significativo. O que denuncia uma compreensão reduzida sobre o sentido, pois não percebe que qualquer ato significativo depende necessariamente de um espaço onde já se está imerso, rodeado, tomado, por sentido. É aqui que a linguagem poderia transcender o indivíduo, a consciência de quem significa, assumindo a sua conexão com o mundo, com a história, com o próprio tempo. O legado de Husserl nos traz, então, esse predomínio da experiência interior e individual, que nasce e morre no sujeito sem qualquer relação externa a ele, sem suporte para além dele mesmo.

Por meio das indicações de Foucault, podemos entrever e caminhar em direção ao legado que a psicologia carrega consigo quando se trata de sua relação com a linguagem. Cabe ainda ressaltar que o legado de Freud parece pesar ainda mais sobre os nossos ombros, isto é, sobre a psicologia de um modo mais abrangente. Talvez, justamente por ele ter sido uma voz tão significativa de um movimento que em muito o ultrapassava. Mas isso significa dizer que a compreensão, em que a relação com a linguagem se dá necessariamente a partir de um método interpretativo, assegurando a relação adequada entre o discurso e aquilo que ele expressa, reincide com demasiada força sobre o que se constitui como saber e fazer psicológicos e, por conseguinte, sobre o que se constitui como escuta clínica. Não parece ser gratuito que posteriormente Foucault (2016) irá afirmar que “A arte de viver implica em matar a psicologia, criar consigo mesmo e com os outros individualidade, seres, relações, qualidades inominadas” (p.107). A psicologia, aqui, refere-se adequadamente a essa insistente tentativa em ver pela vida alguma coisa outra que não ela própria. Isto é, essa tentativa de lhe inculcar algo que lhe é externo com o intuito de cerceá-la, dominá-la. É o que podemos chamar de uma lógica do discurso, de uma lógica que se incute à vida. Também não parece ser à toa que Foucault amarra o assassinio da psicologia à criação de algo inominável, pois, isto seria o mesmo que criar algo para além dessa lógica, que escapa e ultrapassa o campo de atuação dessa constante busca por enquadrar toda vida a uma forma adequada e correspondente, que em última instância a significaria.

Se, por outro lado, o legado de Husserl incide de forma mais intensa sobre as psicologias de inspiração fenomenológica, ambos, Freud e Husserl, deixam aparecer aquilo que comumente vigora na relação entre escuta clínica e linguagem. Aqui, o que subjaz é a compreensão do homem que, por meio da linguagem como instrumento de expressão, poderia trazer para o campo de análise do psicólogo a sua verdade. Em Husserl essa verdade parece se retrair ao extremo da interioridade, constituindo de início um problema de acesso, ou seja, de como seria possível compreender. Vemos reverberar intensamente na tradição da psicologia essa questão, sobre o caráter intransponível da experiência. Isto é, há um

mundo significativo reduzido ao sujeito que interpõe a grande problemática de como acessar, como realizar a ponte, visto que tudo nasce e morre em um instante imediato e circunscrito ao próprio sujeito. A verdade que poderia se depreender parece, então, reduzida a um instante que jamais pode encontrar esteio ou articulação possível. Apesar da questão e dificuldade que se instaura, o psicólogo assume aí um papel impreterível, daquele que poderia e deveria acessar tal experiência e sua verdade. Com Freud essa mesma dinâmica de descoberta da verdade se faz presente, todavia, ali o código já foi de antemão descoberto. O psicólogo não tem diante de si nenhuma questão compreensiva, já estando a compreensão assegurada pelo uso do símbolo, cabendo-lhe apenas decifrar adequadamente o símbolo que vem à luz por meio da fala. O que vigora nessa tradição é ainda a visão que enxerga na linguagem apenas uma expressão do sujeito, e que possibilita a sua correspondência lógica a um discurso que lhe descobre uma verdade.

Assim, podemos entrever a insuficiência pela qual temos nos guiado, no que concerne à relação entre linguagem e escuta clínica. Ela parece dizer de um mundo interior quando falamos em psicologia, isso quando não se reduz a uma representação, a um símbolo, onde o seu dizer já sempre falseia uma verdade escondida. Recaindo sobre a psicologia o dever de apoderar-se dela, tomando para si o segredo que a faria, finalmente, falar, mostrar, a verdade.

Indo além das indicações de Foucault, vemos uma segunda problemática que atravessa as ciências humanas, de maneira geral, mas concerne decididamente à psicologia. Tal problemática diz do uso que se pode fazer da hermenêutica, onde esta é subjugada a uma estrutura metodológica, que também acaba por se direcionar à descoberta de uma verdade.

### **Hermenêutica: interpretação como método**

Sabemos que a palavra hermenêutica foi usada pela primeira vez por Johann Conrad Dannhauer, em 1654, no livro *Hermenêutica sacra* (CASANOVA, 2010, p.VII). O contexto em que a palavra aparece diz da técnica interpretativa de textos bíblicos e jurídicos. Haveria, então, uma orientação de modo a realizar a adequada dedução dos sentidos do texto por meio da interpretação. Hermenêutica, aqui, atrela-se necessariamente a essa possibilidade de interpretar adequada e corretamente, onde os sentidos estão dados no texto, bastando o acesso devido para fazê-los aparecer. Posteriormente, esse termo será retomado, o que irá constituir aquilo que podemos denominar de uma “hermenêutica clássica” (CASANOVA, 2010, p.VIII), onde a mesma

é, então, elevada a um nível de ciência, uma vez que poderia ser apropriado como “princípio metodológico fundamental” (CASANOVA, 2010, p.VIII). Ou seja, isso que era uma técnica restrita a textos bíblicos e jurídicos abre seu campo de atuação, evidenciando, então, a pertinência e inscrição de um âmbito compreensivo, que precisa ser, agora, considerado. A hermenêutica é ampliada como possibilidade de compreender corretamente o discurso do outro.

Acompanhando o desenrolar histórico da palavra hermenêutica, temos o decisivo desdobramento de Dilthey, onde ele aprofunda essa visão metodológica da hermenêutica, ao marcar as ciências humanas como seu campo de atuação. Assim, ele lembra a particularidade dos objetos de estudo dessa área, que diferem daqueles próprios às ciências naturais por não serem dados no tempo e no espaço, exigindo para si, portanto, sempre uma compreensão. Aqui, podemos fazer um paralelo entre Dilthey e Husserl, pois Dilthey traz uma contribuição que coloca aquilo que era ainda uma fragilidade em Husserl em outro lugar. Dilthey, enxergando a problemática em que o ato significativo sempre se mostra reduzido a uma visada, que, por sua vez, aponta para um caráter imediato, unilateral, e de uma particularidade extrema, traz aquilo que viabilizaria uma articulação com um todo para além do sujeito, a saber, a visão de mundo. A visão de mundo norteia e guia isso que é uma visada significativa, de tal modo que toda visada é sustentada por esta compreensão universal de um tempo. É esta compreensão que daria esteio para se ir além da própria visada imediata e ir ao encontro do outro.

Aqui reside o perigo de se instrumentalizar a pertinência histórica em nossa apropriação do termo hermenêutica para a clínica. Pois, incorremos no risco de assumir esse âmbito compreensivo possibilitado pela visão de mundo como chave absoluta para toda interpretação. Isto é, enrijecemos a própria compreensão em determinações universais de um tempo. Aqui, já não mais compreendemos, decodificamos, pois, o ato compreensivo reduziu-se a um método, que de forma sorrateira assegura mais uma vez a interpretação, antes mesmo de realizá-la. O que era para ser um esteio, torna-se uma fundamentação determinante. É a mesma velha forma interpretativa de Freud, porém, agora a chave já não é mais o Desejo, e, sim, a História.

Assim, vemos nessa referência universal a chave interpretativa, o código para decifrar o discurso do outro. Nesse sentido, parece que nos mantemos referenciados a um modelo que remete, ainda, à ciência natural, uma vez que exige para si a positividade dos objetos dados no tempo e no espaço. O que significa dizer que, mais uma vez, esquecemos do caráter próprio ao homem, de sua abertura, e da especificidade que esse caráter

exige daquele que pretende escutá-lo, interpretá-lo. E recaímos, mais uma vez, em uma relação inapropriada com a linguagem, onde ela se mostra necessariamente por meio de símbolos, que remetem, todavia, a uma visão de mundo universal que tudo deve decifrar. Isto parece ir ao encontro à crítica que Gadamer tece à compreensão hermenêutica, que, em sendo trazida para o campo de fundamentação epistemológica, parece requisitar, ainda, um modelo de ciência natural, com fundamentação última, o que reduz o próprio ato interpretativo “em sua vida de compreensão” (CASANOVA, 2010, p. IX). Esse uso ou exigência de uma compreensão hermenêutica evidencia o anseio por uma positividade, por uma determinação, que poderia nos apaziguar e eximir de uma relação própria com a linguagem, isto é, estaríamos adequadamente preparados para lidar com ela, estaríamos imunes ao sem fundo que ela entreabre, e, por conseguinte, isentos de sua escuta e leitura, da experiência. Essa parece ser a redução da vida de compreensão.

### **Escuta, espera, dizer: hermenêutica desde experiência da linguagem**

Abrimos o nosso texto, que se mantinha até então em estreita conexão com a fala de Bizzarri e com o ofício de traduzir, e trouxemos uma contextualização de como usualmente a psicologia tende a se apropriar da linguagem, como tende a compreendê-la, de modo a poder estruturar seus métodos de interpretação, ou seja, para poder dirigir e assegurar a sua escuta. Nessa abertura de nosso texto, pudemos visualizar a tendência dentro da psicologia em buscar um método assegurador, decodificador da linguagem, onde a fala se mostra sempre como símbolo, como uma referência a um determinado código, ao qual cabe ao psicólogo o conhecimento e domínio, para, então, realizar a sua adequada correspondência. A mesma estrutura parece se repetir em diferentes perspectivas, o que nos leva a asseverar que há um modo de compreensão anterior que já tende a conduzir tais perspectivas por estes caminhos.

Ao realizarmos esse percurso, vemos a proximidade que há entre o traduzir, como habitualmente se compreende, e este modo tradicional de escuta clínica. Em ambos, a linguagem aparece reduzida a código linguístico, como instrumento e expressão do homem; e, não por acaso, vemos a mesma dificuldade em empreender uma boa tradução se fazer presente na escuta clínica. O que significa dizer que a escuta, que busca se sustentar por esta decodificação, assumindo a linguagem como correspondência entre signo e significado, entre palavra e coisa, estabelecendo leis positivas para a mesma, também tende a se ver atravessada por questões e problemáticas interpretativas. Tais



interpretações, por vezes, mostram-se distantes à situação, à própria experiência, tal como ela se mostra, pois não entendem o âmbito de sentido em que se sustenta as palavras. Nessa perspectiva, o psicólogo tende a se manter como que surdo à fala, àquilo que se mostra e expõe; as palavras não lhe tocam nem lhe dizem, mantendo, então, encoberta para si a experiência, a vida, o mundo de onde elas provem.

É diante da constatação desta problemática que assumimos o diálogo com Bizzarri sobre seu fazer, onde o mesmo haveria de nos servir como indicador de uma outra possibilidade de condução dessa escuta. A fala de Bizzarri expõe uma perspectiva do próprio fazer, que se realiza não sem dedicação, exercício, pesquisa, contudo, tais investidas do tradutor jamais se configuram como uma busca por um método determinado e assegurador, por um saber que lhe diria previamente como fazer. Ao contrário, elas expõem a abertura própria em que já se desloca o tradutor na busca por realizar o seu ofício. Nesse sentido, Bizzarri expõe o seu fazer desde uma ação que precisa ser transferência, prescindindo de qualquer ponte; toda interpretação, toda tradução, precisa advir desde afeto, que é, justamente, este já estar imerso, tocado e tomado por sentido. De certo modo, é a habitação apropriada daquilo que já é próprio ao homem, ao seu modo de realização, que é sempre imerso em mundo, este ser sempre contaminado.

Assim, o que impera é a habitação deste mundo que sustenta as palavras, de onde proveio o texto, a fala. E por isso é ato de amor, pois pressupõe a abertura e disposição para se deslocar, para ir até um outro horizonte de realização de vida. É adentrando nesse mundo de sentido, em escutando-o, que é possível, então, fazer nascer a tradução, a interpretação, deixando vir à fala, nomeando o que se mostra. Contudo, ao transpormos tal experiência para pensarmos a escuta clínica devemos cuidar para não enxergar por esta transferência a passagem de uma subjetividade a outra, de uma interioridade a outra. Ao reposicionarmos o modo de ser do homem, como estando necessariamente imerso em um mundo, insistimos em uma perspectiva distinta da habitual, na qual se deve compreender a realização do homem desde e pelo mundo, de um horizonte de sentido que o suporta e articula. Dentro não há nada, para dentro não se vê. É desde o diálogo entre mundo e a experiência, que o vive e realiza, que se deve partir. Para a transferência, para compartilhar desse mundo, apontamos, então, essa outra relação com a linguagem, em que assumimos um percurso necessário a se realizar, por meio a palavra, por meio à fala. Neste percurso, não há palavra-coisa, não há sentido cristalizado e fechado. Mas, sim, certo imperativo de ver pela palavra o seu caráter mostrador, de modo a se dispor, então,

deste ânimo ou abertura para buscar o sentido, a experiência, em que ela se sustenta. Isto, por sua vez, implica em se fazer escuta e espera, tal como nos indica Fogel (2017):

No entanto, para que linguagem assim se realize, é preciso que se ouça a sua fala, isto é, o expor-se ou o realizar-se do sentido já interposto (*lógos*, mundo). Impõe-se ouvir o dizer ou mostrar-se do sentido, do *lógos*, do *mundo*. É preciso pôr-se à escuta e à espera deste sentido, deste *lógos*. Então à escuta e à espera da linguagem. Este pôr-se à espera e à escuta é o modo como é preciso se entender todo o esforço de ajustamento, de afeiçoamento e de participação no sentido, no *lógos*. Em sentido amplo, por linguagem é preciso entender-se todo e qualquer possível sentido (*logos*, *mundo*) no e do viver ou existir humanos e que, como tal sentido, se mostra, aparece ou se faz visível, isto é, vem à fala ou se faz... linguagem. É na e desde a disposição ou pré-disposição de escuta e de espera do sentido (*logos*, *mundo*), que se fala, que se *pode* falar de linguagem a partir da própria linguagem ou desde a experiência da própria linguagem. (p.38)

Portanto, o tradutor e o clínico devem se despir do predomínio lógico, ao qual a linguagem tende a estar envolta, arriscando, então, além da literalidade da língua. Tal qual o tradutor, cabe ao psicólogo este despojamento e esta disposição por aventurar-se em sua escuta, por realizar a sua experiência. Mas, afinal, o que significa isto? Não devemos nos enganar, pois nesta experiência nós já somos, nós já estamos, originariamente, nós somos desde esta experiência. Portanto, não falamos, aqui, em um tipo de experiência que alguns poucos privilegiados poderiam compartilhar. Não. Falamos mesmo em uma possibilidade própria ao homem, a todos os homens, e que, ainda assim, tende a se manter esquecida e encoberta, precisando, portanto, ser lembrada, retomada, desperta. Tal como Fogel (2017) nos diz, a linguagem deve ser entendida como todo e qualquer sentido “no e do viver ou existir humanos” (p.38). Deste modo, é invariavelmente própria ao fazer, à escuta, clínica.

Podemos, aqui, fazer um paralelo com o sentido da palavra hermenêutica, tal como é retomado por Heidegger. Pois, por esta apropriação parece haver algo que se insinua na mesma direção disso que dissemos ser uma experiência de linguagem, distanciando-se, portanto, da sua compreensão que a reduz a uma metodologia. Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2009), já havia explicitado que: “Fenomenologia da presença é *hermenêutica* no sentido originário da palavra em que se designa o ofício de interpretar.” (p.77). Em texto posterior, em que se traz um diálogo de Heidegger com o Professor Tezuka da Universidade Real de Tóquio, a questão da hermenêutica é retomada. Neste diálogo, Heidegger apresenta a proveniência da palavra “hermenêutico” a um verbo grego, donde se pode articular com o nome do deus Hermes, que, por sua vez, é o mensageiro dos deuses, que faz o câmbio entre os mortais e os deuses, entre terra e céu, e, então, traz a mensagem do destino. Assim, hermenêutica seria propriamente: “a exposição que dá notícia, à medida que consegue

escutar uma mensagem [...] Assim, hermenêutico não diz interpretar, mas trazer mensagem e dar notícia.” (HEIDEGGER, 2011b, p. 96). E, por fim: “A linguagem decide a referência hermenêutica.” (HEIDEGGER, 2011b, p. 97).

Diante da mudança empreendida por Heidegger para tematizar o sentido da palavra hermenêutica, podemos considerar a tendência, pertinente à história da palavra, na qual compreende-se a interpretação como metodologia e técnica. Assim, o modo tematizado tardiamente por Heidegger nos conduz a um âmbito mais aberto para enxergar e compreender como é isso que, a princípio, haveria de conformar e conduzir a fenomenologia da presença, e, por conseguinte, o nosso próprio pensar e fazer, e que nos chega pela palavra *hermenêutica*.

Nesta perspectiva, a escuta nos aparece como condição necessária para a hermenêutica, visto que é apenas à medida que se consegue escutar, que se torna possível trazer e anunciar a mensagem. Deste modo, cruzamos novamente com os dois elementos necessários para a realização do traduzir: a escuta e o dizer. Ambos como este modo participativo, próprio ao homem, a todo aparecer, a toda realidade, ao próprio mundo. Novamente, parece que nos aproximamos deste âmbito de experiência e cuidado da linguagem, e retomamos a algo que é próprio, originário, ao existir do homem.

Heidegger (2009) ainda nos diz: “A escuta é constitutiva da fala. [...] Escutar é o estar aberto existencial da presença enquanto ser-com os outros.” (p.226). A escuta se funda, justamente, nesse caráter de aberto, de lançado para fora, e, conseqüente e invariavelmente, já sempre em relação com o fora, com o mundo, com os outros. Nesse sentido, a escuta é constitutiva do âmbito de sentido em que se funda todo aparecer. A escuta, desse modo, é sempre escuta compreensiva, e já se encontra articulada ou enraizada na própria linguagem. Assim, talvez possamos entrever a pertinência entre escuta, dizer e aparecer. É nessa amarração que real se faz, se realiza, e, indissociadamente, que homem se faz homem. Nesse sentido, hermenêutica nada mais é do que o retorno ao lugar originário de realização do homem e do real, que, por sua vez, funda-se nesta amarração, neste entrelaçamento, que pode ser compreendido pela palavra *experiência*, e aponta a um âmbito participativo próprio ao homem.

Fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma. 'Fazer' não diz aqui de maneira alguma que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência. Fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. É esse algo que se faz, que se envia, que se articula. (HEIDEGGER, 2011a, p. 121).

## Considerações Finais

E como isto se articula à nossa escuta clínica? Como vimos anteriormente, a escuta psicológica já tende a vir mediada por um discurso preposto que enquadra a fala a uma estrutura lógica que a desvenda e decifra. A escuta nestes moldes se dá tal qual o tradutor automático, criando leituras, ou traduções, incongruentes, descoladas daquilo que se mostra e diz. Ao trazermos esta compreensão da escuta clínica como certa experiência, ou transferência, se usarmos o termo de Bizzarri, abrimos um outro âmbito para o nosso fazer clínico. Neste âmbito, o que há e se deve fazer presente é certa experiência, que é também certo salto para dentro de um mundo, que se dá desde um ser tocado e tomado. A escuta, aqui, já não é mais ação que investe sobre a fala, como que à espreita, não é tentativa de desvendamento. A escuta se sustenta em uma compreensão que empreende a palavra, a fala, como mostradora, como fundadora de realidade, de vida, de um mundo que se vive e apresenta. Não há nada por trás, não há nada escondido ao qual se deve referir a fala. Tal perspectiva prescinde de qualquer ponte, de qualquer caminho de acesso dado anteriormente. Tal qual o tradutor, o psicólogo parte desde a transferência a uma outra personalidade, uma outra vida, um outro mundo, que sustenta e suporta a palavra. Em transferindo-se, em escutando, o psicólogo pode também vir a participar dessa vida-realidade que se apresenta, ele se faz e nasce desde esta participação. E para quê participar? Fazemos a escuta do que diz Guimarães Rosa à Bizzarri:

Você jamais me decepcionará. Porém, para melhor tranquiliza-lo, digo a verdade a Você. Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse 'traduzindo', de algum alto *original*, existente alhures, no mundo astral ou no 'plano das ideias', dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa 'tradução'. Assim, quando me 're'-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do 'original ideal', que eu desvirtuara... (BIZZARRI & ROSA, 2003, p.99).

Participar, co-nascer, desde a escuta clínica, desde sentido, da vida, do mundo que se a-presenta, que se expõe, é a possibilidade de re-traduzir, isto é, de dizer desde a

origem, mostrando, expondo, o sentido que já forma, desde o qual já se realiza vida, existência, história. Nesta re-tradução, podemos retomar um caminho mais originário de realização do homem, da vida, onde se faça ver e compreender esse estranho modo de ser que é existir, que nada tem de determinado e pronto, mas que é aberto e impõe o cuidado com o caminho que se faz, enquanto se faz. Caminho que advém, só pode advir, desde a escuta que concede, então, direção, pois aponta àquilo, à possibilidade, que já fala e toca, afeta, ao homem, isto é, experiência.

Nesse sentido, ao apropriar-se da hermenêutica como um indicativo para o seu fazer, o psicólogo deve ainda compreender que assumir este caráter participativo e de proximidade com a linguagem implica, também, em certa apropriação crítica das determinações de sentido do seu mundo. Nesta perspectiva, assume-se certo legado crítico próprio à hermenêutica e que deve perpassar o fazer e compreender do psicólogo, tal como nos indica Sá (2017) ao também tematizar as diversas compreensões sobre a hermenêutica: “Seu papel deve ser, antes de tudo, fornecer um apoio meta-teórico para que o psicoterapeuta tenha uma relação mais livre, isto é, mais crítica e transdisciplinar com o seu campo propriamente teórico, evitando assim o risco, sempre iminente nas universidades e escolas de formação, de tornar-se um mero aplicador de técnicas e ideologias quase nunca ou precariamente tematizadas.” (p.19).

Assim, reforçamos que, ao retornarmos à experiência da linguagem, não falamos de um lugar que apenas sobrevoa a nossa realidade histórica e social, mas, ao contrário, que possibilita a sua devida inserção e habitação. Há um teor de resistência ao se compreender o próprio fazer desde um lugar de disposição e abertura para o encontro com o outro. Tal postura exige do psicólogo um desprendimento do lugar de saber que ele tende a ocupar no mundo moderno, e, ainda, impõe-se a ele um imperativo de transformação na própria realização de seu fazer. Ainda em diálogo com Sá (2017), vemos este mesmo imperativo se fazer presente, quando ele nos diz: “a ideia de compreensão enquanto ‘fusão de horizontes’, tentando compreender o horizonte de sentido do outro, o intérprete transcende seu próprio horizonte original e vê-se situado em novos horizontes que são o resultado de repetidas fusões dos horizontes iniciais.” (p.19)

Por fim, ratificamos que, ao psicólogo, cabe o gosto pela descoberta destes caminhos, por realizar o percurso sempre a cada vez. Desse modo, cabe a ele desvencilhar-se das interpretações já dadas que se lhe interpõe, da tendência de se deixar guiar por sentidos e compreensões cristalizadas, que eternamente se reproduzem. Ao psicólogo cabe reavivar as palavras, retornando ao mundo, ao sentido, que as sustenta,

possibilitando, então, o desenredo da estória, da vida que se lhe apresenta. Neste sentido, defendemos, aqui, uma realização poética da clínica. O que nada diz do uso de prosa ou versos na clínica, mas que concerne à retomada deste caráter de realização da vida, onde assumimos a participação do homem em todo aparecer, de modo a relembrar o caráter eminentemente criativo da existência, do seu próprio existir. Assim, o fazer clínico, a escuta clínica, há de ser conduzida por esta lembrança do caráter de abertura que impõe um necessário cuidado, performance ou criação de si. Como bem diz Cabral (2018): “Trata-se da arte de possibilitar a arte de si mesmo.” (p.156).

## Referências

BIZZARRI, Edoardo & ROSA, João Guimarães. Correspondência com o Seu Tradutor Italiano Edoardo Bizzarri. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CABRAL, Alexandre Marques. Psicologia Pós-Identitária: Da Resistência Existencial à Crítica das Matrizes Cristãs da Psicologia Clínica Moderna. Rio de Janeiro: Ed. Via Verita, 2018.

CASANOVA, Marco Antônio. “Apresentação à Edição Brasileira”. Em: GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica da Obra de Arte. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010. p. VII -XVII.

FOGEL, Gilvan. O Desaprendizado do Símbolo ou Da Experiência da Linguagem. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2017.

FOGEL, Gilvan. Homem, Realidade, Interpretação. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2015.

FOUCAULT, Michel. “Conversa com Werner Schroeter”. Em : Ditos & Escritos VII. Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2016. p.102-112.

FOUCAULT, Michel. “Introdução (*in* Binswanger)”. Em Ditos & Escritos I. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2014.

HEIDEGGER, Martin. “A Essência da Linguagem”. Em A Caminho da Linguagem. 5ª Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011b, p.71-120.

HEIDEGGER, Martin. “De Uma Conversa Sobre a Linguagem Entre Um Japonês e Um Pensador. Em A Caminho da Linguagem. 5ª Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011a, p.121-171.

HEIDEGGER, Martin. “Para quê poetas?” Em: Caminhos de Floresta. 3ª Edição. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. p. 307-367.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. 4ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SÁ, Roberto Novaes de. “Heremênutica e clínica psicoterápica”. Em Para Além da Técnica: Ensaio Fenomenológicos sobre Psicoterapia, Atenção e Cuidado. Rio de Janeiro: Ed. Via Verita, 2017. p. 11-19.

Recebido em: 9 de julho de 2018

Aceito em: 12 de dezembro de 2018